

CONCLUSÃO

O feminismo, a partir de um movimento político, provocou mudanças radicais em muitas culturas. Mediante práticas e teorias, critica a desigualdade estrutural entre mulheres e homens, entrelaçada com outras formas de desigualdades, mas também critica uma cultura centrada na razão em detrimento dos aspectos humanos, tradicionalmente atribuídos ao feminino.

O processo vai se recriando continuamente, na difícil tarefa de mudança de paradigma cultural, em meio a relações de poder. De um lado, a construção da igualdade, evitando cair em armadilhas de apenas realizar uma nova assimilação de mulheres no centro de uma sociedade excludente, ou de negar as diferenças; de outro, a recuperação dos elementos humanos tradicionalmente associados ao feminino, e desvalorizados na sociedade, evitando armadilhas ideológicas que idealizam o feminino, a diferença, mantendo a concepção dualista de gênero e ocultando situações de desvalorização das mulheres.

Por conseguinte, o ponto de partida dos caminhos do feminismo, prioritariamente, são as relações de igualdade e reciprocidade em todos os níveis e em todas as esferas da vida – no público e no privado. Sem novas bases relacionais qualquer que seja a concepção das identidades da mulher e do homem é encaminhada para manter hierarquias, ocultando privilégios. O feminismo também se entrelaça com uma visão de mundo que focaliza as realidades, os processos não em si mesmos, mas na relação que os constitui no todo.

Os ventos do feminismo sopraram nas igrejas questionando uma prática, uma linguagem religiosa e teológica e instituições. Da mesma forma que na sociedade, as mudanças não são fáceis de serem realizadas, o caminho é cheio de armadilhas, porque antigos modelos se enraízam por todos os lados. Nas igrejas, sobretudo na Católica, a principal armadilha não parece estar no caminho de uma

igualdade que assimile as mulheres numa instituição hierárquica, mas exatamente no inverso, no caminho de uma valorização do feminino encaminhado de forma ideológica, para não fazer mudanças estruturais e culturais.

A Teologia Feminista nasce da experiência das mulheres influenciadas por ares do feminismo, a partir do qual recria a tradição da fé, criticando experiências e tematizações inscritas na perspectiva patriarcal, recupera tradições e sabedorias numa ótica feminista, e tece interpretações inusitadas. Não é uma teologia desde fora, mas uma teologia que brota dessa inculturação e a expressa. Em sua diversidade, se serve de pressupostos epistemológicos e de mediações enraizadas na visão feminista sistêmica, não é uma visão exclusiva do feminismo; mas nele é relevante, dada sua trajetória de libertação e emancipação das mulheres, que inclui muitas dimensões articuladas entre si. Tece movimentos hermenêuticos, centrados em caminhos de plena humanização das mulheres, que intrinsecamente incluem os homens, partindo da situação de pobreza e de exclusão social.

Na América Latina, em cada situação concreta ou em diferentes etapas, a hermenêutica teológica acentuou distintos aspectos: a libertação, o feminino, o corpo e o cotidiano. Surgem na tensão criativa para focalizar a libertação e a emancipação das mulheres de forma não isolada, ou paralela ao todo da realidade sócio-cultural, senão dentro de uma mudança que se estende por todos os lados. Por isso, na emergência de novos aspectos, os primeiros não ficam superados, ao contrário, são reassumidos, recriados, dentro de uma visão, na qual mutuamente se complementam e se enriquecem.

No compromisso com a humanização de todos a partir da humanização das mulheres, a Teologia Feminista interpreta a experiência atual e a tradição de experiências, no vai e vem da *dança hermenêutica* que, por um lado, desconstrói interpretações *kiriarcas*, políticas de desigualdades e subordinação, inscritas na tradição passada e presente; por outro, elabora novas formulações das identidades cristãs e propõe práticas emancipadoras na experiência cristã atual¹.

Na raiz desse processo, está a experiência de Deus na vida das mulheres à luz de uma nova consciência. De certa maneira trata-se de uma experiência presente em todos os tempos, mas que só atualmente emergiu de forma explícita.

¹ FIORENZA, E. S. **Los caminos de la Sabiduría**, 221.

No decorrer da história, embora as mulheres tenham introjetado valores e padrões patriarcais, mantiveram um conflito permanente, na medida em que resistiram e provocaram mudanças. No âmbito da fé, esse conflito é vivido como experiência suscitada e acompanhada por Deus.

A Teologia Feminista tematiza a experiência de Deus à luz da nova consciência das mulheres. E o faz a partir de lentes antropológico-teológicas tecidas no diálogo crítico entre uma antropologia cristã recebida da tradição e reflexões feministas. Não parte de nenhuma posição extrema - nem do *essencialismo*, nem do *construtivismo*, mas de uma visão integradora da teologia da criação, na qual não há dicotomia entre natureza e cultura, corpo e mente.

As experiências são tão diversas quanto o são as mulheres. A Teologia Feminista sempre deu muita atenção às experiências que se dão em caminhos de mudança, de libertação, e estes se realizam em toda parte. São experiências de contrastes que provocam mudanças ao redor, e um renascimento humano na vida pessoal. As particularidades da realidade social, étnica e assim por diante, determinam diversos contornos dessa experiência.

Os caminhos de solidariedade, de mudanças estruturais, de afirmação de si, da justa autonomia, de novas relações, na perspectiva da fé são vividos como experiência da ação salvadora de Deus em nossa vida e na história. Não se trata de um acréscimo indispensável. A experiência explícita da ação de Deus a modifica por dentro. Faz com que, em nossos esforços, sintamos que tudo vem de uma Presença que nos ama, nos dá origem, nos acompanha e é nosso horizonte de esperança.

A partir da fé, a experiência de emancipação e libertação de forma múltipla, interligada e unitária recebe um sentido teológico. A graça nos capacita e nos anima, pessoalmente e coletivamente, a encaminhar as múltiplas dimensões de nossa vida - a sexualidade, a religião, a política, a economia e outras - ao amor que cria justiça, igualdade, reciprocidade. Dada às resistências de nossa realidade finita, de nossos problemas psicológicos e de nosso pecado, não conseguimos encaminhar, sem tensão, as múltiplas dimensões da vida em relações de amor verdadeiro.

Os caminhos libertários, inclusivos e sistêmicos do feminismo, na perspectiva da fé, encontram nas tradições da Sabedoria, re-apropriadas numa perspectiva feminista, não um texto entre outros, mas uma das principais chaves hermenêuticas da experiência cristã. Na experiência da Sabedoria, os caminhos da justiça são inclusivos; e os caminhos da unidade se dão na variedade. Ela forma em nós amigas de Deus e profetizas, que integram mística e ética. Além disso, a Sabedoria é referencial para o uso de imagens femininas de Deus.

Em cada inculturação encontramos as mesmas dificuldades para falar do Mistério de Deus, que é insondável, em linguagem humana e também iguais possibilidades de apontar simbolicamente para a Divindade; e, as mesmas armadilhas para encaminhar ideologicamente os símbolos recebidos para manter relações de domínio. Cada inculturação recebe da tradição os símbolos de Deus e de Cristo, re-interpretando-os com lentes novas, entrelaçadas em contextos sócio-históricos. Além disso, sempre pode fazer emergir novos símbolos. De certa forma, cada inculturação representa no seu todo uma linguagem sobre Deus, sobre Cristo, e como tal participa do símbolo. Por conseguinte, as múltiplas inculturações são válidas e contribuem para o conhecimento de Cristo entre nós.

No contexto do feminismo cristão, todos os símbolos de Deus e de Cristo, recebidos da tradição, são re-interpretados, embora alguns simplesmente são abandonados. Os símbolos femininos são os que mais emergem. Neste caso, não se trata apenas de um acréscimo aos símbolos masculinos predominantes. Ao contrário, a partir da recuperação de símbolos femininos, como símbolos equivalentes em relação aos masculinos, um novo paradigma de linguagem sobre Deus vai se tecendo. Porém, enquanto as resistências culturais milenares praticamente impedem de levar a adiante essa mudança com todas as suas implicações, na linguagem religiosa e teológica são os grupos pequenos, alternativos, que mantêm e divulgam essa nova linguagem. Com certeza, é pelos caminhos não formais da religião, que vão influenciando e, aos poucos, reeducando nosso imaginário sobre Deus.

A recuperação do símbolo feminino de Deus de forma equivalente não é uma questão irrelevante que só interessa às mulheres, mas é uma mediação necessária para uma linguagem menos inadequada do Mistério; e, sobretudo, para

que a Igreja visibilize com mais fidelidade, na prática e na celebração, Cristo entre nós.

Para terminar, a poesia “tecendo a manhã”² nos inspira dizer não só algo do que o trabalho realizado nos sugere, como também expressar um pouco de nossa experiência, sentimentos e sonhos³.

Durante esse nosso trabalho, fizemos a experiência de receber muitas *vozes de mulheres* que nos despertaram, para entrar na fascinante tarefa de juntas tecer *uma manhã* (presente), e *um amanhã* (futuro) de relações mais igualitárias e recíprocas, que visibilizem *Deus entre nós*. Alegra-nos ser alcançada por *fiões de sol de gritos de mulheres*! Suscitados pelo chamado divino inscrito na criação, pelo *Grito da Sabedoria* em toda parte (Pr 20,33),

para que a manhã, desde uma teia tênue
se vá tecendo, *entre todas, mulheres*,
E se encorpando em tela, entre *todas*,
se erguendo tenda, onde entrem *todas e todos*
se entretendendo para *todas/os* no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.

Numa visão teológica, essa *teia de vozes que vai se encorpando*, como toda obra humana, é *manhã* da ação criadora de Deus em nosso mundo, através de nós, e em nossa medida, sempre *tênua*, finita. O feminismo, habitado pela condição de abertura ao espírito da Sabedoria, *tecendo* toda criação, possibilitou uma nova *experiência da revelação cristã* acontecendo hoje. A partir da qual, a

² Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.
(João Cabral de Mello Neto)

³ Embora o símbolo do galo, muitas vezes é utilizado com significado patriarcal - é o galo que “canta”, que “grita”, que “tem voz”, como todo símbolo, é polivalente. Na poesia de João Cabral, não tem significado patriarcal, ao contrário, entre outras coisas, é símbolo do despertar de uma nova consciência, de uma nova prática, que tecem uma manhã (presente) e um amanhã (futuro), e em si não simboliza apenas homens, varões. Sobretudo, é símbolo de um despertar não isolado, mas de uma multiplicidade de vozes. Por isso, a poesia é muito sugestiva para falar da emergência atual das mulheres, como uma emergência de vozes multiculturais que tecem manhãs de esperança.

Teologia Feminista não só trouxe à luz o fato de que Deus foi acolhido dentro de um padrão sócio-cultural androcêntrico e de instituições patriarcais, mas acima de tudo, proclamou que, em todos os tempos, a Revelação afirmou e suscitou *vozes que teceram manhãs* diferentes, garantindo um *amanhã* com possibilidades de mudanças.

A inculturação no contexto do feminismo não possui contornos geográficos, sócio-culturais e eclesiais bem definidos. Apesar disso, se visibiliza com criatividade, em *vozes multiculturais*, influenciando na vida cristã de muitas mulheres e homens, e em muitos espaços da Igreja. Por um lado, nós a reconhecemos presente, principalmente em incontáveis grupos de mulheres que cultivam uma espiritualidade inspirada nos caminhos da Sabedoria; em uma vasta e profunda obra teológica; e em orações e celebrações formuladas em nova linguagem. Por outro lado, também percebemos que são muitas as barreiras que ainda impedem que essa *nova voz* seja valorizada nas comunidades. As mais difíceis de serem superadas, creio que sejam duas: o atual processo de recuo a uma institucionalização clerical-masculina, associada ao surgimento de movimentos neoconservadores; e, às resistências profundas provenientes do enraizamento milenar da fé cristã em culturas patriarcais.

Nesse contexto, que *fios* significativos emergem, para que o feminismo cristão prossiga *tecendo manhãs*, rumo a uma nova configuração cultural e histórica da Igreja? Certamente são múltiplos e distintos, mas a maioria se inscreve em *espaços alternativos*, e não em instituições eclesiais oficiais, na tensão entre o livre curso da experiência que irrompe de muitas maneiras em toda parte e a manutenção da unidade sem reproduzir qualquer forma de subserviência. Espaços de espiritualidades que incorporam os caminhos das Amigas de Deus e Profetizas: uma espiritualidade de caminhos e viagens, de lugares públicos e de fronteiras abertas, de sustento e celebração; uma espiritualidade que oferece alimento para o trabalho em prol da justiça; uma espiritualidade que cultiva a criação, e o cuidado da vida⁴.

Por sua vez, as *vozes multiculturais* da Teologia Feminista, embora permaneçam quase ausentes das instituições teológicas e dos pronunciamentos

⁴ FIORENZA, E. S. *Los caminos de la Sabiduría*, 46.

eclesiais oficiais, continuam irrompendo com a força de uma *palavra incontida*, inspirada pela Sabedoria que nos desperta *pelas ruas e praças e junto às portas da cidade* (Pr 1, 20-21 e 23); para que, entre todas mulheres e homens, se vá tecendo *manhãs e amanhã*s de esperança e vida plena.

A irrupção incontida de *vozes*, que brotam de uma nova experiência (interpretada) da fé, oferece uma contribuição relevante hoje, para que a *Voz* da Sabedoria seja ouvida em toda parte. E que Ela receba nossa colaboração para construir na Igreja e na sociedade sua Casa, aberta a todos, na qual se realiza a partilha do pão do sustento e do vinho da celebração (cf. Pr 9, 1-6).